

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

XIV FÓRUM DE PARTILHA LINGUÍSTICA

6ª EDIÇÃO DA NOVA LISBON SUMMER SCHOOL
IN LINGUISTICS

06.07.2019
AUDITÓRIO 1 - TORRE B

ORGANIZAÇÃO
NÚCLEO DE JOVENS INVESTIGADORES DO CLUNL

MAIS INFORMAÇÕES
[HTTP://JICLUNL.FCSH.UNL.PT/](http://jiclunl.fcsb.unl.pt/)
[JICLUNL@FCSH.UNL.PT](mailto:jiclunl@fcsb.unl.pt)



Comissão Científica | Scientific Committee

Alexandra Fiéis	Cristina Flores	Maria do Céu Caetano
Alexandra Guedes Pinto	Ernestina Carrilho	Maria João Freitas
Alina Villalva	Esperança Cardeira	Maria Lobo
Amália Mendes	Fátima Oliveira	Marina Vigário
Ana Castro	Fátima Silva	Marisa Cruz
Ana Costa	Fernando Martins	Matilde Gonçalves
Ana Lúcia Santos	Florência Miranda	Nélia Alexandre
Ana Madeira	Guilhermina Jorge	Pierre Leujune
Ana Maria Brito	Helena Valentim	Pilar Barbosa
Ana Maria Martins	Inês Duarte	Raquel Amaro
Ana Paula Monteiro	Isabel Seara	Raquel Silva
Anabela Gonçalves	Isabel Sebastião	Rita Gonçalves
Antónia Coutinho	Isabelle Simões Marques	Rosalice Pinto
Audria Leal	Joana Batalha	Rui Marques
Belinda Maia	Joana Teixeira	Sara Carvalho
Carla Almeida	Jorge Pinto	Sara Mendes
Carla Teixeira	Manuel Célio Conceição	Susana Correia
Celeste Rodrigues	Margarita Correia	Telmo Mória
Clara Barros	Maria Aldina Marques	Teresa Brocardo
Clara Keating	Maria Antónia Mota	Teresa Lino
Clara Nunes Correia	Maria do Carmo Vieira	Tjerk Hagemeyer
Clarisse Afonso	da Silva	

Comissão Organizadora | Organizing Committee

Carolina Wenjun Gu
Chiara Barbero
Margarida Tomaz
Stéphanie Vaz

Índice

COMUNICAÇÕES

<i>Sobre estas estruturas é que vamos falar. As construções clivadas com é que e com ser no português europeu</i>	2
Brambilla, Silvia	
Contributo dos marcadores discursivos para a textualização do gênero memorial de formação acadêmica.....	4
Castro Netto, Mônica	
“Mensagens de adeus”: uma análise (atípica) sobre gêneros textuais.	6
Costa, Viviane	
<i>Haverá um falar-de-mulher?: As marcas de (in)determinação do sujeito como estratégia de (não) implicação em entrevistas a mulheres e homens de destaque</i>	8
Costa Joaquim, Carolina	
Terminologia vulgarizada na área das doenças infecciosas para fins de comunicação jornalística: o caso da malária.....	11
Cristina, Carla	
Interpreting Commitment in Normative Texts	13
Nascimento França, Hális	
O hibridismo de <i>ser</i> e a distinção <i>ser/estar</i> em português medieval	15
Ribeiro, Maria	
Uma análise do discurso de parlamentares na votação do Impeachment de Dilma Rousseff no Brasil.....	17
Rosa Silva, Ariana	
Avaliação de Narrativas Oraís em Crianças Falantes de Português Europeu (PE): um teste piloto.....	19
Vaz, Stéphanie	
O uso de <i>ele</i> em construções impessoais em português europeu – um estudo experimental.....	21
Widera, Carmen	

POSTERS

Rhetorical relations in cinematographic critiques of blogs.....	24
Ferreira, Joana	
Word order alternations in (Brazilian) Portuguese and French wh-in-situ interrogatives– an experimental study	26
Kaiser, Katharina	
Variação de Nasalização Regressiva na Estrutura Tónica V.C[+nas] em Português Europeu Continental	28
Lao, Shanyi	
Eu acho que é atenuação, não é? - mecanismos discursivos no discurso de homens e mulheres.....	30
Magalhães, Violeta	
Do texto ao parágrafo: um contributo didático-pedagógico para o ensino da escrita no 1º Ciclo do Ensino Secundário em Moçambique	32
Marrengula, Emília	
Sobre empréstimos lexicais angolanos em <i>Voz de Angola</i> – clamando no deserto (1901)	34
Muhongo, Timóteo	

Palatalidade de /ʎ/ e /ɲ/: segmento ou autosegmento?	36
Silva, Carlos	
<i>Tremendous</i> discursive strategies in Donald Trump's political interviews	38
Vieira, Joana	

COMUNICAÇÕES

Sobre estas estruturas é que vamos falar. As construções clivadas com é que e com ser no português europeu

Silvia Brambilla

Università di Roma Tre/Sapienza Università di Roma

silvia.brambilla@uniroma3.it

Objetivo: Nesta contribuição apresentam-se os resultados de uma análise *corpus-based* das estruturas clivadas com *é que* e com *ser* no português europeu, que conduzi visando sistematizar as características da sua estrutura informativa (Lambrecht 1994; Lombardi Vallauri 2009), e demonstrar a sua colocação no conjunto das construções com clivagem.

Estado da arte: As construções clivadas são geralmente definidas como estruturas sintaticamente complexas (bi-oracionais) mas semanticamente simples, isto é, como estruturas que partilham com as correspondentes frases não-marcadas as mesmas condições de verdade e força ilocutória geral (Roggia 2009: 14-15; Dufter 2009: 83).

São inúmeros os estudos sobre a clivagem em português como estratégia de focalização (por exemplo, Casteleiro 1979; Abreu 2001; Vercauteren 2016). No entanto, existem divergências sobre o estatuto das construções clivadas com *é que* (ex. *chá é que o João bebe*) e com *ser* (ex. *o João bebe é chá*), uma vez que são consideradas, alternativamente, ou derivadas de outras construções (Casteleiro 1979; Abreu 2001) ou estruturas mono-oracionais (Vercauteren 2016). Além disso, a maioria destes estudos é orientada pela perspectiva generativista, em que a clivagem é explicada só em termos de movimento.

Nesta análise, pelo contrário, pretende-se colocar as construções em apreço no *framework* construcionista delineado pelo ensaio de Knud Lambrecht de 2001. Portanto, estas estruturas serão tratadas como signos saussurianos complexos, compostos por uma forma (a estrutura sintática) e um conteúdo (a estrutura semântico-informativa). Esta perspectiva permite, efectivamente, destacar diferentes esquemas sintáticos consoante as diferentes exigências pragmático-comunicativas. Relativamente à sua estrutura informativa (ing. *information structure*, termo cunhado por Halliday em 1967), é possível afirmar que estas estruturas têm uma articulação foco-suposição bem definida (Roggia 2009), em que a suposição é sempre realizada linguisticamente pela oração subordinada e o foco é o constituinte posto em posição de realce.

Metodologia: A partir destas considerações teóricas, foi analisada manualmente uma amostra estatisticamente significativa de ocorrências das construções com *é que* e com *ser* dentro do

Corpus de Referência do Português Contemporâneo – Portuguese Only (CRPC), a fim de evidenciar as suas tendências sintáticas, bem como os contextos informativos em que ocorrem. Neste trabalho mostrar-se-ão, pois, os diferentes esquemas sintáticos que as construções clivadas com *é que* e com *ser* adotam de acordo com a ocorrência de específicos elementos frásicos (por exemplo, a presença do advérbio *só* em posição pré-focal), e discutir-se-á sobre os diferentes tipos de foco informativo que ocorrem dentro das estruturas.

Resultados: A análise do CRPC tem vindo a evidenciar que estas estruturas de focalização põem em posição focal tanto sintagmas, como orações subordinadas complexas, sugerindo que existe uma sua especificidade dentro do sistema linguístico do português. Além disso, foram reconhecidos quatro casos distintos de construção clivada com *é que*, e três casos de construção clivada com *ser*, em que a articulação foco-suposição funciona de forma diversa. Finalmente, a análise apresentada revela que existem casos problemáticos, em que não é possível destacar uma articulação foco-suposição como definida por Roggia (2009), e que mostram, aliás, uma *gramaticalização* das estruturas, onde os constituintes *é que* e *ser* são desclassificados a *focus markers*.

Referências bibliográficas

- Abreu, L. e Melo (2001). *Contributo para o Estudo das Construções com Clivagem na Língua Portuguesa*. Saarijärvi: Gummerus Printing.
- Casteleiro, J. Malaca (1979). Sintaxe e Semântica das Construções Enfáticas com “é que”. *Boletim de Filologia*, XXV, 97-166.
- De Cesare, A. M. (2014) (ed.). *Frequency, Forms and Functions of Cleft Constructions in Romance and Germanic. Contrastive, Corpus-Based Studies*. Berlin/Boston: De Gruyter Mouton.
- Dufter, A. (2009). Clefting and discourse organization. Comparing Germanic and Romance. In Dufter, A. & Jacob, D. (eds.). *Focus and Background in Romance Languages*. Amsterdam: John Benjamins, 83-121.
- Halliday, M. A. K. (1967). Notes on Transitivity and Theme in English Part I. *Journal of Linguistics*, 3(1), 37-81.
- Lambrecht, K. (1994). *Information Structure and Sentence Form : Topics, focus, and the mental representations of discourse referents*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Lambrecht, K. (2001). A Framework for the Analysis Of Cleft Constructions. *Linguistics*, 39(3), 463-516.
- Lombardi Vallauri, E. (2009). *La struttura informativa. Forma e funzione degli enunciati linguistici*. Roma: Carocci.
- Roggia, E. (2009). *Le frasi scisse in italiano. Struttura informativa e funzioni discorsive*. Genève: Éditions Slatkine.
- Vercauteren, A.M.W. (2016). *A Conspiracy Theory For Clefts: The Syntax And Interpretation Of Cleft Constructions*. Tese de Doutoramento, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal.

Contributo dos marcadores discursivos para a textualização do gênero memorial de formação acadêmica

Mônica Castro Netto

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

monicaines6@hotmail.com

O trabalho apresentado constitui um estudo exploratório no âmbito da preparação em curso da tese de doutoramento na área da Linguística de Texto e toma como objeto um corpus de memoriais produzidos em contexto acadêmico, centrando-se no papel dos marcadores discursivos (MD) na sua textualização. Assim, objetivamos analisar de que forma os autores dos memoriais estruturam o seu discurso e como estabelecem as escolhas dos recursos linguísticos para fazer a referenciação, a partir da análise da ocorrência e das características do uso desses marcadores em inter-relação com a estrutura composicional dos textos.

Passegi (2008) define o gênero memorial como uma autobiografia por meio da qual o autor se posiciona criticamente sobre sua vida intelectual deixando aflorar as experiências significativas e seus projetos para o futuro. Para Jorge (2014), cujos contributos sobre o gênero memórias em contexto literário e familiar serão considerados neste trabalho, a expressão autobiográfica tem relevante influência nas práticas comunicativas e contribui para a determinação do gênero textual memorial (dentre outros de caráter autobiográfico).

Tendo em vista a descrição de características defintórias do gênero memorial, que, além de atender ao propósito da atividade acadêmica, contribui para que a construção do sentido se manifeste e aflore a significância do (seu) mundo para o outro, seguimos, além dos dois autores referidos, Charaudeau (1995), para a reflexão sobre este gênero; Bronckart (1999), para o seu tratamento linguístico e discursivo; e ainda Adam (2008), dada a centralidade que atribuímos nesta análise ao conceito de plano de texto. O plano de texto diz respeito à ordenação e articulação do que é apresentado no texto e a sua elaboração passa pela seleção e ordenação dos conteúdos, assim como pelo processo de textualização, que não pode ser perspectivado sem a articulação com as condições de produção dos textos.

Assim, propomos uma investigação deste gênero numa abordagem de tipo descendente, partindo dos textos singulares para a determinação de regularidades observáveis na análise do corpus, e articulando o plano de texto com as formas, funções e valores dos MD neles ocorrentes. Tomamos como referência a proposta de Lopes (2016) e Coutinho (2008), complementada com os trabalhos de outros autores, como Martín

Zorraquino e Portolés (1999), Fraser (1999) e Adam (2011).

O corpus é composto por trinta memoriais, quinze de estudantes do curso de Especialização em Direitos Humanos da Criança e do Adolescente e quinze do curso de Especialização em Ensino Interdisciplinar em Infância e Direitos Humanos de uma Universidade Federal Brasileira (Universidade Federal de Catalão), com uma média de 2800 tokens cada. Procedemos primeiro à análise do plano de texto com base num conjunto de categorias previamente definidas, em função da literatura, mas prevendo igualmente a consideração de categorias emergentes, e, numa segunda fase, utilizamos a ferramenta LanCSBox para quantificar e anotar os MD em termos de subtipos, fazendo depois uma análise qualitativa das suas funções e valores, determinados na relação com o segmento do plano de texto em que se manifestam. Embora se verifique uma baixa densidade na ocorrência de MD relativamente ao número de tokens global dos textos, a sua funcionalidade é relevante no plano textual tanto no nível microestrutural quanto nos níveis meso e macroestrutural, sobretudo nos dois últimos.

Palavras-chave: gênero memorial, plano de texto, marcadores discursivos, linguística do texto.

Referências bibliográficas

- Adam, J. M. (2011). *Linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. 2. ed. São Paulo: Cortez.
- Adam, J. M. Plano de Texto. (2008). In P. Charaudeau & D. Maingueneau (Eds.). *Dicionário de Análise do Discurso*. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 377-378.
- Bronckart, J. P. (1999). *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. 1º ed. Trad. Anna Rachel Machado. São Paulo: Educ. Charaudeau, D. (1995). Une analyse sémiolinguistique du discours. *Langages*, 117, 96-111.
- Coutinho, M. A. (2008). Marcadores discursivos e tipos de discurso. *Estudos linguísticos/Linguistic Studies*, 2, 193-210.
- Fraser, B. (1999). What are discourse markers? *Journal of Pragmatics*, 31, 931-952.
- Jorge, N. de O. (2014). *O gênero memórias análise linguística e perspectiva didática* (Tese de doutorado). Lisboa: FCSH-UNL. Disponível em <http://hdl.handle.net/10362/12524>.
- Lopes, A. C. (2016). Discourse Markers. In W. L. Wetzels, J. Costa & S. Menuzzi (Eds.). *The Handbook of Portuguese Linguistics*, Cap. 24. Londres: Wiley Blackwell, 441-456.
- Martín Zorraquino, M. A. & J. Portolés Lázaro (1999). Los marcadores del discurso. In I. Bosque & V. Demonte (Orgs.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Vol. 3. Madrid: Espasa, 4051-4213.
- Passegi, M. C. (2008). Memoriais autobiográficos: a arte de tecer uma figura pública de si. In M. da C Passegi & T. M. N. Barbosa, T. M. Nobre (Orgs.). *Memórias, memoriais: pesquisa e formação docente*. São Paulo: PAULUS.

“Mensagens de adeus”: uma análise (atípica) sobre gêneros textuais.

Viviane Costa

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
vivimaia30@yahoo.com.br

Apesar de o suicídio existir desde as antigas civilizações e de atualmente ser a segunda maior causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos (OMS, 2018), esse tema continua a ser tratado como um tabu pela nossa sociedade. Os estudos sobre suicídio estão concentrados geralmente em áreas como a Psicologia e a Psiquiatria, que tendem a analisar o estado mental do suicida através das mensagens deixadas por eles (Shneidman e Farberow, 1956; Gottschalk e Gleser, 1960). Ao mesmo tempo, observa-se que os estudos sobre gêneros textuais, em sua grande maioria, buscam analisar textos dos domínios discursivos acadêmico e profissional, deixando de lado muitos outros textos do nosso cotidiano como, por exemplo, as mensagens de adeus (cartas e bilhetes de suicídio). Com base em tais observações, este estudo busca contribuir para preencher essa lacuna e analisar as mensagens deixadas por suicidas à luz dos estudos sobre gêneros textuais. Como referencial teórico, serão utilizados alguns dos conceitos sobre gêneros textuais apresentados por Swales (1990, 1996, 2004), Campbell e Jamieson (1978) e Maingueneau (1997). A partir desses pressupostos, busca-se identificar características linguísticas recorrentes, estrutura prototípica e propósitos comunicativos presentes em textos dessa natureza. Nosso corpus é formado, ao todo, por 25 cartas e bilhetes de suicídio. Ainda que todas as mensagens tenham sido coletadas na internet, nenhuma delas foi deixada em meio eletrônico. Ademais, todas as mensagens estão em português do Brasil e foram escritas por homens e mulheres de diferentes faixas etárias. Embora alguns estudos indiquem que as mensagens de suicídio constituem um gênero próprio, os resultados preliminares mostram que essas mensagens formam um gênero textual atípico, uma vez que não seguem uma estrutura preditiva e podem apresentar um conjunto, quiçá infinito, de diferentes propósitos comunicativos, tais como: despedir-se, fornecer instruções acerca do enterro e dos bens deixados, justificar o ato de suicídio, entre outros. Uma análise preliminar revela que muitas dessas mensagens são construídas sem uma preocupação com uma forma específica ou com uma estrutura prototípica – consequência, a nosso ver, do fato de que muitos desses autores talvez nunca tenham lido uma mensagem de suicídio antes. Também observamos que uma mesma mensagem pode ser direcionada a diferentes alocutários e que algumas delas são bem elaboradas, contrariando em parte a ideia de que o suicídio é um ato impulsivo. Defendendo a relevância deste estudo, concluímos

com uma discussão sobre o dinamismo e a flexibilidade dessas mensagens e, por conseguinte, dos gêneros textuais, e levantamos novas questões.

Palavras-chaves: gênero textual; carta; bilhete; suicídio; Linguística Aplicada

Referências bibliográficas

- Campbell, K. K., Jamieson, K. H., Speech Communication Association., & Kansas Conference on Significant Form in Rhetorical Criticism. (1978). *Form and genre: Shaping rhetorical action*. Falls Church, VA: Speech Communication Association.
- Gottschalk, L. A., & Gleser, G. C. (1960). An analysis of the verbal content of suicide notes. *British Journal of Medical Psychology*, 33, 195-204.
- Maingueneau, D. (1998). Scénographie épistolaire et débat public. In R. Amossy, & J. Siess, *La lettre entre réel et fiction*. Paris.
- OMS. (2018). Suicídio. Retrieved from Organização Mundial de Saúde: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/suicide>
- Shneidman, E., & Farberow, N. (1956). Clues to Suicide. *Public health reports*, 71(2), 109–114.
- Swales, J. (1990). *Genre analysis: English in academic and research settings*. Cambridge : Cambridge University Press.
- Swales, J. (1996). Occluded genres in the Academy: The case of the submission letter. (E. Ventola, & A. Mauranen , Eds.) *Academic Writing: Intercultural and textual issues*, xiv, 45-58.
- Swales, J. (2004). *Research genres: Exploration and applications*. New York: Cambridge University Press.

Haverá um falar-de-mulher?: As marcas de (in)determinação do sujeito como estratégia de (não) implicação em entrevistas a mulheres e homens de destaque

Carolina da Costa Joaquim

CLUNL – NOVA FCSH / FCT

carolinacosta@fcs.unl.pt

Esta comunicação surge no enalço de um trabalho em desenvolvimento e visa complementá-lo. Partindo da questão lançada por Maria de Lourdes Pintasilgo, em *Os Novos Feminismos* (1981) - “*Haverá um falar-de-mulher?*” -, equaciona-se a possibilidade de existir um modo de falar próprio das mulheres, uma “prática feminina de escrita”, em que o sujeito (mulher) se diz a partir de uma linguagem diferente, subversiva, inédita, porque “vinda do vivido de cada uma” (p. 42). No entanto, a autora evidencia a impossibilidade de definir, codificar, categorizar essa prática, ainda que ela exista (p. 57). Esta comunicação pretende, assim, verificar até que ponto uma análise linguística, a partir de ferramentas linguísticas específicas, pode contribuir para uma resposta no sentido de teorizar e fundamentar esse “falar-de-mulher”.

Enquadrando-se na área da Linguística do Texto e do Discurso, a proposta visa analisar, por um lado, de que modo(s) se representa(m) as mulheres nos textos - Como é que falam de si? Implicam-se ou, pelo contrário, apagam-se enquanto instâncias produtoras? – e, por outro, de que forma representam as outras (mulheres) que evocam (Como é que as mulheres falam de outras mulheres?). Na perspetiva, ainda, de se verificar se existe efetivamente uma escrita “específica” de mulheres, enceta-se um estudo comparativo - orientado pelos mesmos pressupostos teórico-metodológicos - com textos de homens, com o objetivo de se verificar como falam de si e dos outros e se se implicam ou não nos textos.

A análise orienta-se pelos pressupostos teórico-metodológicos do Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart, 1999, 2006, 2008; Coutinho, 2014; Miranda, 2010), com enfoque no conceito de *folhado textual*, por enquadrar as ferramentas linguísticas que possibilitam aferir se o discurso é implicado ou não - os *tipos de discurso* e, conseqüentemente, as marcas de implicação que mobilizam. Assim, metodologicamente, inventariam-se e analisam-se as marcas de implicação em ocorrência nos textos que respeitam às unidades e estratégias linguísticas que determinam (os protagonistas d)a

interação verbal, no sentido de se aferir i) quais privilegiam, de um lado, as mulheres e, do outro, os homens; ii) e quais atestam um discurso implicado.

A complementaridade deste trabalho relativamente ao já iniciado reside no alargamento do *corpus* de análise: de textos que pertenciam ao género textual *discursos políticos* a textos que conformam outro género - *entrevista*. Nesse sentido, a análise comporta quatro entrevistas, sendo os entrevistados duas mulheres e, comparativamente, dois homens, influentes no panorama social e político português.

As análises apresentadas, ainda que resultem de um trabalho exploratório e em desenvolvimento, atestam conclusões significativas: as mulheres recorrem, com maior ênfase, às formas linguísticas de implicação (falam de si, sobretudo, na 1ª PS (“eu”) e utilizam o pronome indefinido “se” com valor exofórico), e têm tendência a falar de outras mulheres, especificando-as a partir do seu ato pessoal como um ato coletivo. Contrariamente, os homens privilegiam as formas de construção sem valor déítico (sujeito indeterminado), representam-se maioritariamente na 1ª PPL, e não falam de outros homens.

Como diria Pintasilgo, e esboçando-se a possibilidade de um novo caminho nos estudos que relacionam a linguagem com as questões de género, “a tomada da palavra é, para as mulheres, a possibilidade (a audácia?) de dizer *eu* (...) que nos chega modelada por um corpo, por uma história (...), dizendo-se em cada momento” (1981: 43).

Palavras-chave: Prática de escrita feminina, Mecanismos de implicação, Tipos de discurso, Género, Entrevistas.

Referências bibliográficas

- Bronckart, Jean-Paul (2008). “Genre de textes, types de discours et “degrés” de langue”. In *Texto!*, vol. XIII, nº 1, pp. 1-95. URL : <http://www.revue-texto.net/index.php?id=86>. Acesso em 09 de abril de 2018.
- Bronckart, Jean-Paul (2006). *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Campinas/São Paulo: Mercado das Letras.
- Bronckart, Jean-Paul (1999). *Atividade de linguagem, textos e discursos. Por um interacionismo sócio-discursivo*. Trad. Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: EDUC.
- Collin, Françoise (1981). “Béatrice Didier, L’écriture-femme, PUF”. In: *Les Bulletins du GRIF*, nº5, pp. 17-18, Université des femmes. URL: http://www.persee.fr/doc/grif_0770-6138_1981_num_5_1_2300_t1_0017_0000_2. Acesso em 09 de abril de 2018.
- Coutinho, Maria Antónia (2014). “Language in Action: Epistemological and Methodological Issues”. In *From Language to Discourse*, ed. Clara Nunes Correia (Coord.), Camile Tanto, Larysa Shotropa, Lúcia Cunha & Noémia Jorge, Cambridge Scholars Publishing, pp. 224-235.

- Miranda, Florencia (2010). *Textos e géneros em diálogo. Uma abordagem linguística da intertextualização*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Pintasilgo, Maria de Lourdes (1988). “Notes diverses jointes à un article rédigé en portugais sur les femmes”. In: Centro de documentação e de publicações da Fundação Cuidar o Futuro, Pasta0262.002. URL: <http://www.arquivopintasilgo.pt/arquivopintasilgo/Documentos/0262.002.pdf>. Acesso em 09 de abril de 2018.
- Pintasilgo, Maria de Lourdes (1981). *Os Novos Feminismos. Interrogação para os cristãos?*. Trad. Isabel Maria Ávila e Maria Antónia Coutinho. Lisboa: Moraes Editores.
- Voloshinov, Valentin Nikolaevich ([1929]1977). *Marxism and the Philosophy of Language*. Harvard: Harvard University and the Academic Press Inc. (Edição original: Voloshinov, Valentin Nikolaevich (1929). *Marksizm i filosofijazyka*. Leningrad: Proboj.).
- Tavares, Manuela (2011). *Feminismos: percursos e desafios (1947-2007)*. Lisboa: Texto Editores.

Terminologia vulgarizada na área das doenças infecciosas para fins de comunicação jornalística: o caso da malária

Carla Cristina

NOVA CLUNL - NOVAFCSH

a47472@campus.fcs.unl.pt

Apesar dos avanços da ciência e da tecnologia verifica-se que a malária continua a ser responsável pelo maior número de mortes no mundo. Os dados anuais apresentados pela OMS em 2018 apontam que em 2017, em 91 países, foram registados 219 milhões de casos da doença, comparados a 217 milhões em 2016. Sendo que o continente africano regista o maior número de mortes. Estes dados levam-nos a questionar se a “má” comunicação, ou seja, a imprecisão na comunicação com a população é uma das razões que dificulta o combate à malária.

A Terminologia na sua dupla dimensão, linguística e conceptual, possui métodos para analisar a relação entre o termo e o conceito dos diferentes domínios de especialidade e métodos para o desenvolvimento de ferramentas que contribuam para a melhoria da comunicação entre os especialistas e entre estes com o público.

Nesta comunicação propomo-nos apresentar a metodologia que usámos para a constituição e extração de termos da malária para profissionais da imprensa radiofónica, uma vez que estes são os profissionais que, a partir dos dados fornecidos pelos especialistas da saúde, interpretam, elaboram e difundem as informações relativas à malária. Para levar a cabo o nosso objectivo, optámos por constituir um *corpus* em língua portuguesa constituído por textos produzidos por especialistas e destinados a não especialistas, sendo este considerado *corpus* vulgarizado de divulgação.

O *corpus* foi tratado com *Antconc*, ferramenta de tratamento automático de textos. Fizemos uma análise dos dados e constatámos que a variação terminológica – vários termos para designar um mesmo conceito - é notória em textos de instrução e informação sobre os aspectos relacionados com a malária.

Exemplificaremos os nossos propósitos a partir da análise das designações “malária grave”, “malária complicada”, “malária grave e complicada”, “malária grave e/ou complicada”. A imprecisão subjacente a estes dados pode interferir na comunicação clara, eficiente e eficaz sobre a doença tendo consequências na correcção da transmissão da informação por parte dos

jornalistas. É nosso intuito, com a nossa investigação, contribuir para a melhoria da comunicação relacionada com a malária.

Palavras-chave: Terminologia, vulgarização científica, harmonização terminológica, malária, jornalismo.

Referências bibliográficas

- Cabré, Maria Teresa (2005) “La Terminología: Representación y comunicación”, Institut Universitari de Linguística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra, Barcelona.
- Conceição, Manuel Célio (2005) “Termos em discurso” In: Carvalho, D. / Vila Maior, D. / Azevedo, R. (Orgs.) Des(a)fiando Discursos - Homenagem à Professora Maria Emília Ricardo Marques, Lisboa, Universidade Aberta, págs. 247-254.
- Costa, Rute (2001) “Pressupostos teóricos e metodológicos para a extracção automática de unidades terminológicas multilexémicas” Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa.
- Costa, Rute e Silva, Raquel (2008) “De la typologie à l’ontologie de textes” Terminologies & Ontologies: Théories et applications. Actes de la 2ème Conférence – Toth Annecy – 2008. Annecy: Institut Porphyre. Savoir et Connaissance
- Wüster, Eugene (1998) “Introducción a la terminología y a la lexicografía terminológica”, Instituto Universitario de Linguística Aplicada.
- Zamboni, Lilian Márcia Simões (2001) “Cientistas, jornalistas e a divulgação científica: subjetividade e heterogeneidade no discurso da divulgação científica”, Autores Associados, Campinas
- Who, (2018) “Relatório sobre a malária/paludismo no mundo”, disponível em: <https://www.who.int/malaria/publications/world-malaria-report-2018/en/>

Interpreting Commitment in Normative Texts

Hális Alves do Nascimento França

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) | Universidade NOVA de Lisboa

halisalves.uni@gmail.com

The world of legal discourse is pervaded by utterances in which the speaker compels the addressee into committing to a certain course of action. That is the case of normative texts, such as laws and statutes, whose purpose is to steer the conduct of their addressees according to a desired manner at any given moment in time. The same happens in texts of contractual or judicial genres, making this type of utterance of great importance in the dynamics of legal communication. However, due to the vagueness of legal language, the extent to which addressees commit to certain actions is prone to several difficulties in their interpretation. After all, how is it possible to understand with precision the extent of commitments intended by a legal provision? In the realm of law, the meaning of a statute must be, above all, justifiable. That means that legal meaning is retrieved via interpretation, and that such interpretation should be able to be justified with acceptable arguments. While several fields within law and philosophy are concerned with legal interpretation, I pose that text linguistics can provide an adequate analytical framework that might be able to address difficulties in the interpretation of normative texts, at least in what concerns their linguistic setting. To that end, I adopt the theoretic and methodological approach of Textual Discourse Analysis (*L'analyse textuelle des discours*, ATD) developed by Jean-Michel Adam, which includes empirical methods of description and analysis of textual data. The descriptive categories indicated by Adam work organically by situating text within a co(n)textual production of meaning, carefully unveiling its composition according to operations of connection and segmentation that reveal textual components of higher or lower order informed by both language-based and pragmatic inference. In that way, the ATD framework of text analysis can yield relevant linguistic evidence that can further elucidate how the meaning of commitment is produced in the scope of normative texts, specially considering categories such as speech acts and argumentative orientation as viable descriptive assets in the analysis. Furthermore, the framework could also yield improved linguistic arguments in the justification of a given interpretation over another, integrating interpretative models particular to the legal sciences, as well as elements from illocutionary logic and argumentation theory. An account of this

port could be further improved into a heuristics for textual treatment that might be used to interface with fields where text analysis of normative texts plays important roles, such as in text and argument mining applied to legal documents.

References

- Adam, J.-M. (2015). *La linguistique textuelle*. Paris: Armand Collin.
- Feteris, E. (2017). *Fundamentals of Legal Argumentation: A Survey of Theories on the Justification of Judicial Decisions*. 2 ed. Dordrecht: Springer.
- Kloosterhuis, H. (2006). *Reconstructing Interpretative Argumentation in Legal Decisions. A Pragma-dialectical Approach*. Sic Sat / Amsterdam: Rozenberg Publishers.
- MacCormick, D. N., Summers, R. S. (eds.). (1991). *Interpreting statutes*. New York. Routledge.
- Searle, J. (1969). *Speech acts*. Cambridge University Press: Oxford.
- Searle, J., Vanderveken, D. (1985). *Foundations of Illocutionary Logic*. Cambridge University Press: New York / Melbourne.
- Vanderveken, D. (1990). *Meaning and Speech Acts*. Cambridge University Press: New York.

O hibridismo de *ser* e a distinção *ser/estar* em português medieval

Maria Ribeiro

Universidade NOVA de Lisboa

mariaaribeiro.p@gmail.com

Nesta apresentação tenho como objetivo expor os dados obtidos relativamente às ocorrências de formas verbais dos paradigmas *sedere*, *esse* e *stare* em português medieval, procurando relacionar o hibridismo de *ser* com a sobreposição parcial dos valores semânticos associados aos verbos *ser* e *estar*, atestada em estádios anteriores da língua portuguesa.

Partindo-se da constatação de que, em português medieval, o verbo *ser* era também utilizado em contextos em que no português atual apenas se admite *estar*, exploro a hipótese (Mattos e Silva, 1992; Brocardo, 2014) de que, no seio do paradigma *ser*, formas derivadas de *sedere* ('estar sentado') seriam perspectivadas como estando mais associadas a propriedades transitórias – partilhando, portanto, características com o verbo *estar* –, por oposição a formas derivadas de *esse* ('ser'), que seriam perspectivadas como estando genericamente mais associadas a propriedades permanentes, devido a alguma persistência dos valores semânticos associados aos verbos latinos de que derivam.

De modo a averiguar esta hipótese, procedi à análise das formas de *sedere* que vieram a cair em desuso, sendo substituídas por formas de *esse*, uma vez que estas coexistiram e competiram para a formação do paradigma *ser*. Deste modo, se for o caso que existe uma diferença semântica entre estas em termos de marcação de um valor de transitoriedade, por oposição a um de permanência, tal deverá ser perceptível nos casos em que se tinha à disposição formas derivadas de ambos os paradigmas, esperando-se que cada uma seja preferida para a marcação destes valores que lhes são atribuídos.

Nesta apresentação, pretendo expor os dados obtidos no *corpus* constituído – as ocorrências de *sedere* em cantigas datadas ou datáveis do século XIII (de acordo com a datação constante no CIPM): cantigas de escárnio e maldizer, de amigo e de amor, e as Cantigas de Santa Maria, de Afonso X (1264-1284) – apresentando, também, uma análise dos valores marcados pelas formas de *sedere* neste período histórico e dos tipos de contextos e construções em que ocorriam, fazendo um paralelo com as possibilidades de ocorrência de formas de *estar*.

Por fim, sendo que esta é uma hipótese que se enquadra na área de estudos da gramaticalização, uma vez que se baseia no princípio da persistência de Hopper (1991) ao

pressupor que a persistência dos valores etimológicos associados aos verbos *stare* e *sedere* teria sido responsável pela sobreposição do paradigma de *ser* ao de *estar*, pretendo, ainda, demonstrar em que medida este quadro de estudos pode fornecer um suporte teórico adequado para dar conta dos dados atestados e, também, tratar alguns aspetos da evolução destes dois paradigmas. Este permite não só dar conta da sobreposição atestada entre estes verbos em português, mas também tratar a oposição existente em português europeu contemporâneo como resultado de um processo de competição de formas/construções para a marcação dos mesmos valores.

Palavras-chave: *ser* e *estar*; hibridismo de *ser*; português medieval; gramaticalização; linguística histórica

Referências bibliográficas

- Brocardo, Maria Teresa. *Sedia la fremosa...* Uma proposta de estudo diacrónico de *ser* (< *sedere* e *esse*) e *estar* em português. In: *Cadernos WGT – Ser & Estar*, Lisboa: FCSH-CLUNL, 2011, p. 5-12.
- Brocardo, Maria Teresa. Construções com *ser*, *estar*, *jazer* na história do português: notas em torno de inovação, persistência e obsolescência. In: García, Leticia; Viñas, Xoán (ed.). *Língua, texto, diacronia*. Estudos de linguística histórica. Revista Galega de Filoloxía. Monografia 9, p. 97-107, 2014.
- Mattos e Silva, Rosa Virgínia. Caminhos de mudanças sintático-semânticas no português arcaico. *Revista de Estudos Linguísticos*. v. 1, p. 85-99, 1992.
- Mattos e Silva, Rosa Virgínia. A variação *ser/estar* e *haver/ter* nas *Cartas de D. João III* entre 1540 e 1553: comparação com os usos coetâneos de João de Barros. In: Mattos e Silva, Rosa Virgínia; Filho, Américo (org.). *O Português Quinhentista. Estudos Linguísticos*. Salvador: EDUFBA/UEFS, 2002a, p. 143-160.
- Mattos e Silva, Rosa Virgínia. A definição da oposição entre *ser/estar* em estruturas atributivas nos meados do século XVI. In: Mattos e Silva, Rosa Virgínia; Filho, Américo (org.). *O Português Quinhentista. Estudos Linguísticos*. Salvador: EDUFBA/UEFS, 2002b, p. 103-117.
- Heine, Bernd. Grammaticalization. In: Joseph, Brian; Janda, Richard (ed.). *The Handbook of Historical Linguistics*, Oxford: Blackwell Publishing, 2003, p. 575-599.
- Hopper, Paul. On some principles of grammaticalization. In: Traugott, Elizabeth; Heine, Bernd (ed.). *Approaches to grammaticalization*. Vol. I. Amsterdam: John Benjamins, 1991, p. 17-36.
- Nunes, José Joaquim. *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa (Fonética e Morfologia)*. Lisboa: Clássica Editora, ([1919] 1956).
- Teysier, Paul. *História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa, 1982, p. 68.
- Williams, Edwin. *Do Latim ao Português*. Fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, [1939]1975.

Uma análise do discurso de parlamentares na votação do Impeachment de Dilma Rousseff no Brasil

Ariana da Rosa Silva

Universidade Federal Fluminense
arianarosa86@gmail.com

O presente trabalho consiste em apresentar algumas reflexões que têm sido desenvolvidas em tese de doutoramento no Programa em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense. Esta pesquisa está filiada à teoria da Análise do Discurso, com base em estudos de Pêcheux (2014a [1969], 2014b [1988]), na França, e desenvolvida por Orlandi (1997 [1992]) e outros pesquisadores no Brasil. Trabalhando no entremeio das Ciências Sociais e da Linguística, a Análise do Discurso é uma teoria de interpretação e leitura que considera que a linguagem não é transparente e que os sentidos não são colados às palavras. Assim, o analista do discurso, a partir de uma mobilização teóricometodológica, trabalha em um batimento entre descrição e interpretação, relacionando a língua à sua exterioridade, buscando desconstruir as evidências de sentidos naturalizadas pela ideologia. Nessa perspectiva, ancorados à teoria e aos procedimentos de análise da Análise do Discurso, buscamos compreender o funcionamento da linguagem em nosso corpus. Nosso corpus é composto de enunciados dos deputados, de filiações partidárias diversas, na sessão de 17 de abril de 2016 direcionada à decisão pela legitimidade e continuidade do processo de impeachment contra a Presidenta Dilma Rousseff no Brasil. Assim, verificaremos, em nossa pesquisa, como se produzem os efeitos de sentido nesse discurso dos deputados favoráveis e contrários ao processo na Câmara dos Deputados na sessão mencionada. Interessa-nos, sobretudo, observar a disputa pelos sentidos possíveis para as denominações dadas ao acontecimento histórico de 2016, que retomam, através de uma memória, sentidos sobre o acontecimento histórico de 1964 no Brasil (deposição do Presidente João Goulart). Entendemos que, nesses dizeres, em 2016, ao se dizer ‘golpe’, ‘impeachment’, ou outra denominação possível, inscreve-se uma disputa pela fixação e estabilização dos sentidos. Isto porque consideramos que há um movimento existente na tensão entre paráfrase e polissemia, memória e esquecimento que faz com que os sentidos se estabilizem e criem o efeito de evidência, naturalizando os sentidos que passam a ser comuns à sociedade enquanto outros sentidos se apagam. Para isso, levamos em conta a posição sujeito que ocupam no momento da enunciação e as condições de produção desses discursos, ou seja, a historicidade que atravessa os dizeres, uma vez que existe uma relação entre língua e história, que se coloca como lugar material em que os processos de produção de sentidos se realizam.

Referências bibliográficas

Orlandi, E. P. As formas do silêncio. Campinas: Unicamp, 1997 [1992].

Pêcheux, M. Análise automática do discurso (AAD-69). [1969] In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). Por uma análise automática do discurso. 3ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014a.

Pêcheux, M. Semântica e Discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio. [1988][1975]. Tradução: Eni P. Orlandi. 5ª edição. Campinas, SP: Unicamp, 2014b.

Avaliação de Narrativas Orais em Crianças Falantes de Português Europeu (PE): um teste piloto

Stéphanie Vaz

CLUNL / NOVA FCSH

stephanie.vaz@fcs.unl.pt

A produção da narrativa constitui um objetivo transversal a todos os anos de escolaridade (Dickinson & Freiberg 2009). A sua avaliação é fundamental para predizer competências de literacia e de sucesso escolar. A capacidade narrativa é adquirida de forma gradual e progride segundo variáveis relacionadas com a idade, escolaridade e interações sociais diversas (Guillam 2011).

Nas narrativas, a produção pressupõe não só a representação analítica dos acontecimentos, como também o emprego de marcas linguísticas que organizem esses acontecimentos (Rebelo, Marques & Costa 2000). Diversos estudos revelam que o desempenho narrativo das crianças melhora na presença de um suporte concreto como imagens ou sequências de imagens (Freitas 2006; Cruz 2011; Veloso 1999). A literatura também é consensual quanto à importância de se estabelecerem protocolos para a análise das dimensões macro e microestruturais das narrativas (Monteiro et al. 2016), que implicam tanto a compreensão da história contada quanto a produção de histórias (Beaugrande & Dressler 1983; Graesser, Gernsbacher & Goldman 1997; Van Dijk 1997).

No presente trabalho, pretende-se apresentar uma primeira versão de um instrumento de avaliação de produções narrativas orais para crianças falantes de PE, que poderá ser usado em populações com perturbações da linguagem para auxiliar o diagnóstico e para planificar intervenção. Embora existam vários instrumentos internacionais¹ referenciados e validados, não existe até ao momento um instrumento deste tipo para o PE.

O instrumento será baseado em três histórias com diferentes graus de complexidade quanto às sequências de eventos e à complexidade linguística. Para cada história, foram criadas: i) sequências de imagens ilustrativas, ii) perguntas de compreensão e iii) uma grelha de

¹ The Bus Story (Renfrew, 1969); Test of Narrative Language (TNL) (Gillam & Pearson, 2004); Expression, reception and recall of narrative instrument (ERRNI) (Bishop, 2004); Diagnostic Evaluation Of Language Variation - Norm Referenced Test (DELV-NR) (Seymour, Roeper & Villiers, 2005); Multilingual Assessment Instrument for Narratives (MAIN) (grupo Narrativa e Discurso, projeto COST Action IS0804, 2012).

avaliação de aspetos macro e microestruturais.

Cada sequência de imagens será testada como estímulo a conto ou como suporte a situação de reconto a diferentes grupos de crianças; todas as histórias serão aplicadas nas duas tarefas propostas (conto e reconto), sendo que cada grupo terá acesso a duas histórias, uma por cada tarefa. A prova será aplicada em suporte digital e em papel, de forma individual e com recurso a gravação áudio.

Neste momento, foi iniciada a aplicação do instrumento nas zonas de Sintra, Lisboa e Torres Novas, com crianças de 6 a 12 anos de idade, de ambos os sexos. O piloto inclui também a aplicação de uma prova de avaliação de linguagem e de memória.

De forma a avaliar a viabilidade do instrumento, recorrer-se-á a um grupo de profissionais para validar uma grelha de codificação das narrativas.

A análise e codificação das produções por parte das crianças terá em conta aspetos da macroestrutura e da microestrutura da narrativa. Serão exploradas com maior detalhe estruturas sintáticas características das produções narrativas, incluindo orações adverbiais e conectores que expressam relações de tempo, causa e consequência.

Palavras-chave: Avaliação, narrativas, estruturas adverbiais, produção oral

Referências bibliográficas

- Beaugrande, R. A.; Dressler, W. U. Introduction to text linguistics. London: Longman, 1983.
- Cruz, M. (2011). As histórias como recurso para o desenvolvimento da linguagem oral. Relatório da Prática de Ensino Supervisionada realizado para obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-escolar. Faro: Universidade do Algarve, Escola Superior de Educação e Comunicação.
- Dickinson, D. K., & Freiberg, J. G. (2009). Preschool language development and later academic success. Paper presented at the Workshop on the Role of Language in School Learning: Implications for Closing the Achievement Gap, National Academy of Sciences, Menlo Park, CA.
- Freitas, A. (2006). O desenvolvimento narrativo na infância. Tese de Mestrado não publicada, Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Braga.
- Guillam, J. (2011). Narrativa oral na educação infantil: elaboração de material didático para professores.
- Graesser, A. C.; Gernsbacher, M. A.; Goldman, S. (1997). Cognition. In: Van Dijk, T. (Ed.), Discourse: A multidisciplinary introduction, London: Sage, 1997, pp. 292-319.
- Monteiro, P. et al. (2016). Parâmetros para análise de narrativas orais em crianças com e sem perturbação da linguagem expressiva. Revista da Associação Portuguesa de Linguística, 1, pp. 621-650.
- Rebelo, D., Marques, M. J. & Costa, M., L. (2000). Fundamentos da didática da língua portuguesa. Lisboa: Universidade Aberta.
- Van Dijk, T. A. (1997). Discourse as structure and process. London: Sage.
- Veloso, T. (1999). A Compreensão de narrativas e a produção do discurso. Tese de Mestrado não publicada, Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho, Braga.

O uso de *ele* em construções impessoais em português europeu – um estudo experimental

Carmen Widera

Universität Konstanz

carmen.widera@uni-konstanz.de

No geral, o português europeu é considerado uma língua de sujeito nulo consistente. Isso significa que, nesta língua, sujeitos expletivos não são realizados foneticamente. Porém, em português europeu e sobretudo em variedades não-padrão, pode-se observar em construções impessoais o uso ocasional do elemento *ele* que, à primeira vista, se apresenta como um sujeito expletivo expresso:

(1) Ele choveu toda a noite!

(2) Ele há cada uma!

(Mateus et al. 2003:283)

Com efeitos discursivos diferentes e uma distribuição sintática diferente dos sujeitos expletivos das línguas de sujeito obrigatório, tem sido argumentado que se trata de um elemento discursivo, associado com manifestações de força ilocutória, em vez de um pronome sujeito expletivo (Carrilho 2005). Sempre que ocorre, acrescenta um valor expressivo à frase e pode, por exemplo, ocupar posições periféricas à esquerda de sujeitos pré-verbais ou de constituintes periféricos. Outra diferença entre *ele* e os sujeitos expletivos reside no facto de *ele* não ser usado obrigatoriamente ou uniformemente. O uso de *ele* é relacionado frequentemente com variedades não-padrão do português, por exemplo com “língua popular ou popularizante de Portugal” (Cunha & Cintra 2008:296) e com “variedades dialectais mais conservadoras” (Mateus et al. 2003:283). Carrilho (2005) analisa em detalhe o uso de *ele* por falantes idosos, analfabetos e locais no *Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe (CORDIAL-SIN)*. Mateus et al. (2003) e Carrilho (2005) salientam além disso o uso do expletivo *ele* em português padrão e também na língua escrita, mais precisamente em frases feitas e no uso expressivo em construções existenciais e apresentativas com os verbos *haver* e *ser*. Para verificar estas características com outro tipo de dados e com diferente perfil de falantes, um teste de aceitabilidade é realizado, cujo resultados serão apresentados nesta comunicação. A experiência baseia-se em juízos de falantes nativos do português europeu, principalmente jovens e educados. A recolha de dados é feita online através da plataforma *SoSci Survey*. O teste tem como objetivo responder de forma experimental às seguintes perguntas:

1. Há diferenças nos juízos dos falantes segundo fatores discursivos diferentes (uso neutro vs. enfático de *ele*)?
2. Há diferenças segundo a posição sintática de *ele* (pré-verbal vs. periférica)?
3. Há diferenças conforme os verbos impessoais utilizados (verbos meteorológicos, o verbo existencial *haver* e o uso apresentativo do verbo *ser*)?
4. Há diferenças variacionistas conforme os fatores idade, sexo, educação e origem dos participantes e a variedade do português que falam?

No conjunto, o teste de aceitabilidade pesquisa em quais contextos os falantes do português europeu aceitam o emprego de *ele* em construções impessoais e quem deles o aceita. Contribui também para discutir dificuldades e vantagens de método experimental perante dados de um corpus, em relação com o fenómeno estudado (cf. Schütze 1996, Sprouse & Schütze in press).

Referências bibliográficas

- Carrilho, E. (2005). *Expletive ele in European Portuguese Dialects*. Lisboa, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Departamento de Linguística Geral e Românica.
- Cunha, L. F. C., & Cintra, L. (2008). *Nova gramática do português contemporâneo*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Lexikon.
- Martins, A. M. (coord.) (2000-). *CARDIAL-SIN: Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe / Syntax-oriented Corpus of Portuguese Dialects*. Lisboa, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. <http://www.clul.ulisboa.pt/en/10-research/314-cardial-sin-corpus>.
- Mateus, M. H. M., Brito, A. M., Duarte, I., Faria, I. H., Frota, S., Matos, G., Oliveira, F., Vigário, M., & Villalva, A. (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Schütze, C. (1996). *The empirical base of linguistics: Grammaticality judgments and linguistic methodology*. Chicago: University of Chicago Press. Reprinted by Language Science Press, Berlin, 2016.
- Sprouse, J., & Schütze, C. (in press). Grammar and the use of data. In B. Aarts, J. Bowie, & G. Popova (Eds.), *Oxford Handbook of English Grammar*. Oxford: Oxford University Pr

POSTERS

Rhetorical relations in cinematographic critiques of blogs

Joana Ferreira

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

joana.silferreira@gmail.com

This paper fits into the field of the dynamic semantics and focuses on a linguistic analysis of 36 cinematographic critiques published in blogs, in order to observe semantic-discursive phenomena, such as, rhetorical relations (RR). The texts were extracted from three different blogs: *Hoje vi(vi) um filme*, *Porque gostamos de cinema* and *Splitscreen*. The computational tool used for *corpus* analysis was *Corpógrafo*. Thus, often as a way of effectively sustaining our argument, we presented the most relevant examples. The selection of texts from three sources derives from the effort to search for examples with different production conditions, namely with regard to the authors of the cinematographic critics, in order to verify how these differences affect the use of the RRs in the various texts. In the first place, we identify the macrostructure of this type of text, through the rhetorical relations. Next, the dominant RRs were identified at the microstructure level. Then, we surveyed some elements and linguistic structures that provide clues to the inference of the RR. Writing the present study allowed us to understand that at the macrostructural level, predominate the relations of Evaluation, Background and Narration. With regard to the microstructural level, we verified the domain of the relations of Continuation, Contrast, Explanation and Elaboration. In respect of the Elaboration relation, there was a predominance of the Elaboration of Entities, to the detriment of the Elaboration of Situations. In addition, we observed that there are linguistic elements/structures that favor the inference of rhetorical relations. The lexical items that have a greater number of occurrences are: “e”, “ainda”, “também” “mas”, “apesar de”, “este”/“esta”. Regarding the linguistic structures, it has been found that coordination is preferential over subordination. The conjunction "mas" may have a counter-argumentative, correlative, refutative, or argumentative additive value.

Key-words: Rhetoric relations, cinematographic critiques, blogs, dynamic semantics.

References

- Asher, N.; Lascarides, A. (2003). *Logics of Conversation*. Cambridge: University Press.
- Asher, N.; Prévot, L.; Vieu, L. (2008). Setting the Background in Discourse. In *Discours(e)* vol.1. Disponível na Internet em: <https://journals.openedition.org/discours/301>, acedido em 29.06.2018.
- Coelho, A. S. R. (2015). *Relações Retóricas e Temporais no Texto*. Tese de Mestrado. Universidade do Porto.
- Cunha, L. F.; Leal, A.; Silvano, P. (2008). Relações Retóricas e Temporais em construções Gerundivas Adverbiais. In M. F. Oliveira; I. M. Duarte (orgs.). *O fascínio da linguagem: actas do Colóquio de homenagem a Fernanda Irene Fonseca*.
- Hobbs, J. (1985). *On the Coherence and Structure of Discourse*. Report no CSLI-85-37. Center for the Study of Language and Information.
- Kehler, A. (2002). *Coherence, Reference, and the Theory of Grammar*. United States: CSLI Publications.
- Silva, F.; Ferreira, I.; António, L.; Purificação, S.; Fátima, O. (2015). Marcas linguísticas da apreciação crítica. In E. Ferreira; F. Viegas; J. P. Aldo; L. Redes; P. Ferreiro; T. Cunha (orgs.). *Atas do 11.º Encontro Nacional da APP - Literatura e Gramática. Um diálogo infinito*, Lisboa: Associação de Professores de Português. 26
- Silvano, P. (2010). *Temporal and Rhetorical Relations: The Semantics of Sentences with Adverbial Subordination in European Portuguese*. Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Taboada, M. (2011). Stages in an online review genre. In *Text & Talk* 31(2): 247–269. Walter de Gruyter.
- Topa-Bryniarska, D. (2017). *La critique de cinéma comme activité rhétorique*. *Cognitive Studies/Études Cognitives*. Disponível na Internet em: <https://ispan.waw.pl/journals/index.php/cs-ec/article/viewFile/cs.1456/3063>, acedido em 22.04.2018.

Word order alternations in (Brazilian) Portuguese and French *wh*-in-situ interrogatives– an experimental study

Brazilian Portuguese (BP) and French are known as languages which display a huge syntactic variation concerning *wh*-questions. The only question formation strategy in which the *wh*- element is postverbal is the *wh*-in-situ construction (1).

- (1)a. Tu habites où? (French) b. Você mora onde? (BP)
 you live where you live where

From a typological point of view French and BP are classified as „optional“ *wh*-in-situ languages, which means that in-situ *wh*-phrases are „possible syntactic variants for ordinary questions“ (Kato 2013). The *wh*-in-situ question formation strategy is in both languages syntactically restricted. In order to get a clearer picture of the differences and similarities between BP and French, I will present an acceptability study concerning one special configuration about which there is disagreement in the literature, at least for French: ditransitive constructions.

In BP, there are two different possibilities for word order if the *wh*-element is not the direct object, but an indirect object (Figueiredo Silva & Grolla 2016):

- (2)a. O Pedro deu esse presente pra quem? b. O Pedro deu pra quem esse presente?
 Pedro gave this gift to whom Pedro gave to whom this gift

Mathieu (2016) claims that in French ditransitive *wh*-constructions the *wh*-element seems to have a preference not to be at the right edge of the clause

- (3)a. Il a donné à qui le cadeau? b. ??Il a donné le cadeau à
 qui? he gave to whom the present he gave the present to
 whom

This is striking, since (3a) is not the default word order for French. The implication of this assertion would be that the *wh*-element is not in its in-situ position but in a clause-internal (“medial”) position and that some kind of movement has to be involved, a fact that most syntactic analyses don’t account for. Mathieu’s claim, however, is not confirmed by an acceptability and corpus study for French by Adli (2015), who shows that variant (3a) has a lower number for both relative frequency and acceptability in comparison to (3b). In order to solve this apparent contradiction, I conducted a questionnaire study of grammaticality judgements for this special construction to investigate

- a) which version ((3a) or (3b)) French native speakers accept and
- b) whether (2a) and (2b) are equally and totally accepted by BP native speakers.

Finally, I will to present the theoretical consequences of the findings for syntactic analyses.

References

- Adli, A. (2015). What you like is not what you do: Acceptability and frequency in syntactic variation. *Variation in Language: System- and Usage-based Approaches*. A. Adli, M. G. Garcia and G. Kaufmann. Berlin, de Gruyter: 173-199.
- Figueiredo Silva, M. C. and E. Grolla (2016). Some syntactic and pragmatic aspects of WH-in-situ in Brazilian Portuguese. *The Morphosyntax of Portuguese and Spanish in Latin America*. M. A. Kato and F. Ordoñez. Oxford, Oxford University Press: 259-285.
- Kato, M. A. (2013). Deriving 'wh-in-situ' through movement in Brazilian Portuguese. In: V. Camacho-Taboada, Á. L. Jiménez-Fernández and M. Reyes-Tejedor (eds.), *Information Structure and Agreement*. Amsterdam: Benjamins, 177-191.
- Mathieu, É. (2016). The wh parameter and radical externalization. *Rethinking Parameters*. L. Eguren, O. Fernández-Soriano and A. Mendikoetxea. New York, Oxford University Press: 252-290.

Variação de Nasalização Regressiva na Estrutura Tónica V.C[+nas] em Português Europeu Continental

Shanyi Lao

Universidade de Lisboa
angelaoco719@gmail.com

Apesar de a nasalidade poder ocorrer em diferentes estruturas fonológicas em português, a estrutura seguinte: V.C[+nas] em sílabas acentuadas como *moinho*, *cuma*, *pequeno*, *ganhar*, *deitamos* e *abano*, está sujeita a grande variação em Portugal Continental nos dados do ALEPG. Assim, o nosso objetivo é identificar a existência e a frequência do espriamento regressivo da nasalidade desta estrutura em Português Europeu (PE) nos dados deste *corpus*. Este processo foi designado por “nasalização regressiva” para o Português do Brasil (PB) por Moraes & Wetzels (1992) e por Goodin-Mayeda (2016), embora não haja ainda a descrição exaustiva para o PE. Nesses trabalhos, refere-se que i) as tónicas mostram mais nasalização do que as átonas, ii) a vogal antes do /n/ é mais facilmente nasalizada, e iii) a ocorrência do fenómeno varia dialetalmente. Pretende-se neste trabalho analisar palavras com a estrutura-alvo integrada por distintas vogais e consoantes nasais em contexto acentuado em PE. Foram selecionados os materiais do ALEPG (CLUL), porque o *corpus* é suficientemente abundante para este estudo, utilizando as transcrições fonéticas produzidas pela equipa que o recolheu. Devido à enorme quantidade de dados, o trabalho analisa apenas a informação relativa a algumas zonas do território continental de Portugal. Estima-se que a investigação no seu todo clarifique nomeadamente: i) em que regiões de Portugal Continental existe o espriamento regressivo de nasalidade; ii) em cada região, o que é mais usual ocorrer nesta estrutura, ou seja, quais combinações de vogal e consoante têm mais nasalização regressiva e quais têm menos; iii) mapear o comportamento dos falantes observados. Além disso, o trabalho contribuirá para i) a explicação deste tipo de nasalização em termos fonológicos, utilizando o modelo autosegmental (Mateus, 2002); ii) a determinação de outros fenómenos segmentais relacionados com este processo de assimilação, por exemplo, a fusão de vogais adjacentes à consoante nasal sem nasalização (*coanha* produzida para [ɔ] não nasalizada no centro do país, principalmente na zona em que se cruzam as fronteiras políticas de distritos Coimbra, Castelo Branco, Leiria, Santarém e Portalegre), a par da fusão vocálica com a nasalização (*moinho*, *remoinho* e *derremoinho*, produzidos com [u] em quase o todo território continental, embora tenham nasalização variável em termos de frequência

dependendo dos locais; iii) a descrição das variáveis formas fonéticas das vogais, por exemplo, a vogal fonológica /ɛ/ é foneticamente produzida como [æ] nomeadamente no sudoeste do país; iv) a comparação entre os mapas baseados dos dados de ALEPG e o mapa traçado por Cintra na sua Nova Proposta (1971).

Referências bibliográficas

- Cintra, Luís F. Lindley. 1971. *Nova proposta de classificação dos dialectos galego - portugueses*. Boletim de Filologia, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 22, pp. 81-116.
- Goodin-Mayeda, C. Elizabeth. 2016. *Nasals and nasalization in Spanish and Portuguese perception, phonetics and phonology*. John Benjamins. Amsterdam/Philadelphia.
- Mateus, Maria Helena, Ernesto d'Andrade. 2002. *The phonology of portugueses*. Editora: OUP Oxford. New York.
- Moraes, João Antônio de, e Wetzels, W. Leo. 1992. *Sobre a duração dos segmentos vocálicos nasais e nasalizados em português. Um exercício de fonologia experimental*. In: Caderno de estudo linguístico, Campinas, (23):153-166, Jul./Dez. 1992.

Eu acho que é atenuação, não é? - mecanismos discursivos no discurso de homens e mulheres

Violeta Magalhães

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

violetadmag@gmail.com

Partindo de conceitos teóricos fundacionais do estudo da atenuação e cortesia linguísticas no âmbito da Sociolinguística, é objetivo deste trabalho investigar as diferenças entre o discurso produzido por homens e por mulheres e, sobretudo, aferir o grau de relevância dessa diferença no que diz respeito ao uso de atenuação por parte de ambos os géneros, tentando perceber se essa diferença corresponde a uma inquebrável associação entre atenuação linguística e identidade feminina ou se haverá outros fatores sociais a considerar. Pretende-se com este trabalho contribuir para a frutífera colaboração entre Linguística e Estudos de Género. Como enquadramento teórico, partir-se-á de noções com a de hedges, carácter vago e níveis de modalidade epistémica da linguagem e os mecanismos de atenuação particularmente estudados serão as construções introdutoras de opinião e a partícula interrogativa “não é?”, ambos minimizadores da força ilocutória dos atos e capazes de retirar responsabilidade e firmeza ao discurso do falante. O corpus utilizado para a análise será constituído por três programas televisivos da emissora pública nacional em que homens e mulheres são entrevistados separadamente e cujo formato é diferente entre os três no que diz respeito a graus de formalidade e tema. O primeiro programa analisado consiste numa montagem de várias entrevistas gravadas previamente sobre obras literárias portuguesas, sendo que os outros dois consistem em entrevistas diretas e não interrompidas, apresentando um modelo mais semelhante entre si. A análise será, numa primeira fase, quantitativa, apresentando quais os mecanismos de atenuação mais utilizados por homens e mulheres e, de seguida, proceder-se-á à análise particular dos mecanismos já referidos, dada a verificação da sua predominante ocorrência. Pretende-se com esta investigação não só esclarecer as diferenças quantitativas no uso de atenuadores entre o discurso masculino e feminino, o que desde logo é um dado importante para a discussão no âmbito da área de estudos Linguagem e Género, como também procurar uma explicação para a sua maior ocorrência no discurso produzido por mulheres, contribuindo assim para o esclarecimento das características do discurso feminino e da influência do contexto extralinguístico no mesmo.

Referências bibliográficas

- Agamben, G. 2013. *A Potência do Pensamento*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Briz, A., Albelda, M. 2013. 'Una propuesta teórica y metodológica para el análisis de la atenuación lingüística em español y portugués. La base de um proyecto em común (ES.POR.ATENUACIÓN)'. *Onomázein* 28, 288-319.
- Coates, J. 2013. *Women, Men, and Everyday Talk*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- Duarte, I. M. (2018). Vantagens de uma gramática de usos para o Português Europeu. Alguns exemplos de análise de expressões extraídas de usos orais informais. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, 4, 1-17.
- Hyland, K. 1998. *Hedging in scientific research articles*. Amsterdam: John Benjamins.
- Kerbrat-Orecchioni, C. 2010. *Análise da Conversação: princípios e métodos*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Lakoff, R. 1975. *Language and Woman's Place*. New York: Harper & Row.
- Macário Lopes, A.C. 2004. 'De facto' in Oliveira, F. & Duarte, I. M. (eds.), *Da Língua e do Discurso*. Porto: Campo das Letras, pp: 417-429.
- Murphy, B. 2010. *Corpus and Sociolinguistics*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- Spencer, D. 1985. *Man Made Language*. London: Routledge & Paul.

Do Texto ao parágrafo: um contributo didático-pedagógico para o ensino da escrita no 1º Ciclo do Ensino Secundário em Moçambique

Emília Marrengula

Universidade de Lisboa -FLUL

emiliamarrengula@gmail.com

O presente estudo configura-se como contributo para o processo de ensino e aprendizagem da escrita em Português no 1º ciclo do ensino secundário em Moçambique, enquanto etapa de superação face à demanda da escrita académica no ensino superior. No contexto moçambicano, desde o ensino básico (do 1º ao 7º ano) ao secundário (do 8º ao 12º), é suposto aceitar que a escola não toma como princípio orientador ajudar o aluno a organizar textualmente o seu pensamento de modo a servir o propósito comunicativo do género que lhe é solicitado produzir. Daí que, será também suposto prever a falta de conhecimento formal dos géneros por parte dos alunos, cujos textos apresentam uma deficiente estruturação e periodicidade internas. Este quadro levou-nos a questionar se *os textos produzidos pelos alunos servem os propósitos sócio-comunicativos dos géneros que lhes são solicitados produzir?* Pelo que, ancorados nos pressupostos da Pedagogia do Género (Hyland, 2007; Martin, 2009; Rose 2011; Martin & Rose 2012), propusemo-nos fazer uma análise de 30 produções textuais dos alunos de uma turma da 8ª classe (1º ciclo do ensino secundário), procurando relacioná-las com o conhecimento do género textual exigido, o género argumentativo. Os resultados revelaram a necessidade premente de as instituições de ensino intervirem didaticamente de modo a estimular o pensamento crítico, através de sequências didáticas pertinentes que ajudem os alunos a se tornarem proficientes na prática escrita como forma de promover a sua preparação/inserção nas práticas discursivas universitárias e de se familiarizarem com o tipo de escrita exigido no meio académico.

Palavras-chave: géneros textuais, argumentação, parágrafo, produção textual

Referências bibliográficas

- Averback, L. M. (1977). *Expressão verbal escrita de alunos do primeiro ciclo da UFGRS: a estrutura do parágrafo e processos do pensamento lógico*, Caderno de Pesquisa/26, Fundação Carlos Chagas.
- Christie, F. & J. R. Martin eds. (1997) *Genres and Institutions: Social Processes in the Workplace and School*. London, Cassell.
- Faraco, C. A. & Tezza, C. (2011) *Prática de Texto para Estudantes universitários*. Petrópolis: Editora vozes, 20ª ed., pp 168-297.

- Gonçalves, P. (2010b). *O Português Escrito por Estudantes Universitários: Descrição linguística e estratégias didáticas*. Maputo: Texto Editora.
- Halliday, M. A. M. (2004). *An Introduction to functional grammar*, 3rd ed., revised by Mathiessen, C.M.I.M., London: Hodder Arnold.
- Hayes, J. et al. (1987), “Cognitive process in revision”, In *Advances in Applied Psycholinguistics, Vol. 2, Reading, writing and language learning*, Cambridge, Cambridge University Press, 176 - 240.
- Hyland, K. (2003). Genre-based pedagogies: A social response to process. *Journal of Second Language Writing* 12, 17–29.
- Hyland, K. (2007). Genre pedagogy: Language, literacy and L2 writing instruction. *Journal of Second Language Writing*, 16, 148–164.
- Harmer, J. (2004). *How to Teach Writing*. England: Longman.
- Serafim, M. T. (1996). *Como se Faz um Trabalho Escolar: Da escolha do tema à composição do texto*. Coimbra: Presença.
- Martin, J. R. & Rose, D. (2003) *Working with Discourse: Meaning Beyond the Clause*. London e New York, Continuum.

Sobre empréstimos lexicais angolanos em *Voz de Angola – clamando no deserto* (1901)

Timóteo Muhongo

Faculdade de Letras da Universidade do Porto | CLUP

timuhongo@hotmail.com

A exponencial mudança linguística em Angola surgida em razão do decreto para a sua ocupação, emitido a 23 de outubro de 1575 pelo Rei de Portugal, D. Sebastião, tem suscitado grande interesse por parte de vários investigadores, tais como Costa (2006) e Hagemeijer (2016). Este estudo, ao contrário dos citados, embora tendo também em consideração essa mudança, incide a descrição dos empréstimos lexicais no português de Angola, dimanantes de várias línguas de Angola.

Propomo-nos, assim, efetuar uma apresentação do resultado deste contacto linguístico, das condições históricas e sociolinguísticas em que surge e se desenvolve a variedade do português em Angola. Visto que a partir da dinâmica social, como sublinham Aronoff & Anshen (2001) e Humbley (2016), podem surgir neologismos, centramo-nos na identificação, extração, sistematização, análise e descrição dos empréstimos lexicais externos de origem angolana e nas razões subjacentes ao seu surgimento (Pruvost & Sablayrolles, 2003).

Partindo de uma metodologia semasiológica, o nosso *corpus* de extração, *Voz de Angola – Clamando no Deserto* (1901), é composto por oito artigos, cinco discursos políticos e onze relatórios extraídos de muitos trabalhos literários publicados em diversas épocas.

Seguindo os parâmetros de classificação de *corpus* propostos por Torruella & Llisterri (1999), Adam (2005), Sinclair (2005) e Llamazares (2008) consideramos que *corpus* analisado é escrito, monolíngue, geral, fechado, sincrónico, textual e codificado.

O nosso *corpus* de extração contém um total de 52.371 (cinquenta e duas mil, trezentas e setenta e uma) formas, sendo 10.048 (dez mil e quarenta e oito) formas únicas (Kennedy, 1998). Para a lexicometria, usamos *Antconc*, *Concapp* e *Linguagem R*, programas para tratamento semiautomático de *corpora*.

Destarte os resultados da análise revelam um total de 80 empréstimos lexicais de origem angolana, sistematizados em campos lexicais (Schmid, 2010; Weiss, Indurkha, & Zhang, 2015), de entre os quais 9 promanam do *Umbundu*, 62 do *Kimbundu*, 2 do *Cokue*, 6 do *Kikongo* e 1 do *Kwanyama*. Tendo em conta a classe lexical, estes desdobram-se em 78

nomes, 1 verbo e 1 adjetivo (Hippisley, 2010). Uns são precisamente compostos morfológicos, morfossintáticos e sintagmáticos (Desmet, 2016); outros são formados por derivação afixal (Beard, 2001), apresentando extensão semântica, processos fonéticos como velarização, desnasalização, prótese, aférese e síncope.

Palavras-chave: empréstimo, neologia, variação e mudança linguística, contacto de línguas, lexicografia assistida por computador.

Referências bibliográficas

- Adam, J.-M. (2005). *La Linguistique Textuelle. Introduction à L'analyse Textuelle des Discurs*. Paris: Armand Colin.
- Aronoff, M., & Anshen, F. (2001). Morphology and the Lexicon: Lexicalization and Productivity. Em A. Spencer, & A. M. Zwicky, *The Handbook of Morphology* (pp. 237-247). Oxford: Blackwell.
- Beard, R. (2001). Derivation. Em A. Spencer, & A. M. Zwicky, *The Handbook of Morphology* (pp. 44-65). Oxford: Blackwell .
- Costa, A. (2006). *Rupturas Estruturais do Português e Línguas Bantu em Angola – para uma Análise Diferencial*. Luanda: Universidade Católica de Angola.
- Desmet, I. (2016). Langues de Spécialité et Foisonnement Néologique en Portugais et en Français: Quelques Réflexions. *L'innovation Lexical dans les Langues Romenes*, 119- 136.
- Hagemeijer, T. (2016). O Português em Contacto em África. Em A. M. Martins, & E. Carrilho, *Manual de Linguística Portuguesa* (pp. 43-67). Berlin/Boston: Walter de Gruyter.
- Hippisley, A. (2010). Lexical Analysis. Em N. Indurkha, & F. J. Damerau, *Handbook of Natural Language Processing* (pp. 31-58). Boca Raton: Chapman & Hall.
- Humbley, J. (2016). La Néologie des Langues Néolatines dans Neologica 2007-2015. *L'innovation Lexicale dans les Langues Romanes* , 18-26.
- Kennedy, G. (1998). *An Introduction to Corpus Linguistics*. Londres: Longman.
- Llamazares, M. (2008). Lingüística con Corpus. *Filología*, 329-349.
- Pruvost, J., & Sablayrolles, J. (2003). *Le Néologismes*. Paris: Presse Universitaire de France.
- Schmid, H. (2010). Decision Trees. Em A. Clark, C. Fox, & S. Lappin, *The Handbook of Computational Linguistics and Natural Language Processing* (pp.180-196). Chichester: Wiley-Blackwell.
- Sinclair, J. (2005). Corpus and Text — Basic Principles. Em M. Wynne, *Developing Linguistic Corpora: a Guide to Good Practice* (pp. 1-16). Oxford: Oxbow Books.
- Torrueja, J., & Llisterri, J. (1999). Diseño de corpus textuales y orales. Em E. Milenio (Ed.), *Seminari de Filologia i Informatica, Departament de Filologia Espanyola, Universitat Autònoma de Barcelona* (pp. 45-77). Barcelona: Editorial Milenio.
- Weiss, S., Indurkha, N., & Zhang, T. (2015). *Fundamentals of Predictive Text Mining*. London: Springer.

Palatalidade de /ʎ/ e /ɲ/: segmento ou autosegmento?

Carlos Silva

Centro de Linguística da Universidade do Porto | Universidade do Porto

silvacarlosrogerio@gmail.com

As consoantes /ʎ/ e /ɲ/, na maioria das descrições fonológicas do português, integram o inventário segmental da língua. De facto, elas opõem significados (e. g., /soɲu/~soʎu/), mas, uma das marcas do seu comportamento é que, em termos de distribuição, elas só se podem encontrar entre vogais /V_V/, portanto, no meio de palavra (Mateus e D'Andrade, 2000, Mateus et al. 2003). Por outro lado, elas, juntamente com /R/, parecem interferir no peso silábico da sílaba que as precede, dado que não existem esdrúxulas em português, cujo ataque da última sílaba seja ocupado por uma destas consoantes (Wetzels, 2007). Posto isto, e dado que só com estas consoantes isto acontece, sugerimos que estas consoantes não constituam apenas um segmento. Para além disso, podemos observar, especialmente nalguns dialetos setentrionais (Silva, P. 2017) e insulares (Silva, C. 2016), que elas estão frequentemente envolvidas, quer em fenómenos de ditongação do núcleo vocálico precedente (e. g. <rebanho> [rɨbɐjnu]), quer assomam como resultados de palatalização (e.g. <mochila> [muʃiʎɐ]). Um argumento extra é que, em algumas variedades do PB, há um fenómeno de deslateralização que, aplicado a /ʎ/, a deslateralização deixa ficar uma glide /j/ na coda da sílaba tónica (e. g. <cangalha> [kã'gaja]). Pelo contrário, na diacronia do PE a forma medieval <raĩa>, veio a dar <rai/ɲ/a>, com a nasal palatal a desfazer o encontro vocálico. Apesar da argumentação diacrónica sugerida poder levantar algumas questões, há também alguns dados sincrónicos que parecem desnudar o mesmo fenómeno, nomeadamente, realizações como [kami'ɲẽw̃] para <camião>, que por vezes observamos na linguagem infantil. Tudo isto parece indicar que /ʎ/ e /ɲ/ não são segmentos do português, mas antes consoantes complexas, formadas, no caso de por /ʎ/ um segmento /l/ um autosegmento palatal /I/ e, no caso de /ɲ/, por segmento um nasal /N/ e um autosegmento palatal /I/. Assim, num quadro de fonologia lexical (Kiparsky, 1982; Mohanan, 1986), propomos que a classe das laterais do português inclua, não /l/ e /ʎ/, mas /l/ e /l+I/ e a das nasais, não /m/, /n/ e /ɲ/, mas /m/, /n/ e /N+I/.

Palavras-Chave: segmento, autosegmento, inventário, palatalidade.

Referências bibliográfias

- Álvarez, R. (coord.). *Tesouro do léxico patrimonial galego e portugués*. Santiago de Compostela: Instituto da Lingua Galega. <<http://ilg.usc.es/Tesouro>>
- Kiparsky, P. (1982). Lexical phonology and morphology. In Yang. *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin.
- Mateus, M. & D' Andrade, E. (2000). *The Phonology of Portuguese*. New York: Oxford University Press.
- Mateus, M. et al. (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. 5ª ed. Lisboa: Caminho.
- Mohanan, K. P. (1986). *The Theory of the Lexical Phonology*. Dordercht: Reidel.
- Silva, C. (2016). O estranho caso da vogal breathy voiced no PE: evidências a partir de um dos dialetos madeirenses. *elingUP*, 5(1).
- Silva, P. (2017). *Palatalização de laterais por harmonização de elementos*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Wetzels, W. L. (2007). Primary Stress in Brazilian Portuguese and the Quantity Parameter. *Journal of Portuguese Linguistics*, 5/6.

***Tremendous* discursive strategies in Donald Trump's political interviews**

Joana Vieira da Silva¹

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

up201603515@g.uporto.pt

O presente estudo, inserido no âmbito da Pragmática e da Sociolinguística Interacional, tem como objetivo fazer o levantamento e a análise de estratégias interacionais presentes em entrevistas com o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, realizadas ao longo do ano de 2018, na Casa Branca, sobre temas variados da atualidade nacional e internacional. O corpus integra um total de dez peças extraídas da base de dados *Factbase*, tendo a particularidade de contar apenas com a presença do entrevistado e do entrevistador, à exceção de uma das entrevistas, em que Donald Trump está, simultaneamente, a ser entrevistado e a entrevistar pelo/o Presidente da República Portuguesa, Marcelo Rebelo de Sousa.

Assim, inicialmente fazemos uma breve exposição sobre certos fenómenos de gestão interacional apoiados em Kerbrat-Orechionni ((2006) 2013), bem como uma abordagem sobre os conceitos de *atenuação* e *cortesia*, com o apoio de autores como Brown e Levinson (1987), Goffman (1981) e Briz & Albelda (2013). Num segundo momento, identificamos, descrevemos e analisamos certos fenómenos discursivos relacionados com as categorias teóricas referidas, ocorrentes com frequência e impacto no *corpus*, tais como: (i) *termos verbais modalizadores*; (ii) *formas de tratamento*; (iii) *construções de opinião*; e (iv) *plural de modéstia* (v) *repetições*; (vi) *emprego de adjetivos intensificadores*, entre outros. De seguida, procedemos a uma análise comparativa de momentos diferentes das entrevistas, com o intuito de averiguar se estes dispositivos se mantêm ou modificam quando a entrevista apresenta uma clara matriz dialogal e não a tradicional sequência pergunta/resposta própria deste género do oral.

A entrevista política é um discurso previamente guionizado, no qual os interlocutores têm conhecimento prévio dos temas a debater e uma distribuição de papéis interacionais fixa, sendo que a concretização deste estudo de pequena-escala permitiu confirmar que este tipo de diálogo é altamente ritualizado. Apesar disto, foi possível encontrar, em certos momentos, um registo mais informal do que o esperado, que se manifestou num *turn-taking*

¹ 3º ano da Licenciatura em Ciências da Linguagem, Linguística.

menos organizado e em certas ocorrências linguísticas, tais como os tempos verbais e as formas de tratamento, próprias de um registo informal ou mesmo íntimo, seguindo a escala de Martin Joos (1968). Foi também notória uma forte presença de adjetivação intensificadora, revelada através de uma análise quantitativa, onde se destacou a construção *tremendous + N*, que parece surgir como uma marca de estilo próprio do entrevistado.

Referências bibliográficas

- Almeida, C. A. (2009). Processos de figuração e manutenção da ordem interaccional: estratégias de mitigação no quadro do sistema de delicadeza desenvolvido pelos participantes de rádio específicos. Em *Textos Seleccionados, XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 43-60). Lisboa: APL.
- Almeida, C. A. (2010). “(...) é um rapaz cheio de sorte, digo-lhe já (risos)”: o humor como estratégia discursiva de mitigação do conflito (potencial) em interações verbais na rádio. Em *Textos Seleccionados, XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 127-142). Porto: APL.
- Briz, A. (2013). A Atenuação e os Atenuadores: Estratégias e Táticas/ The Attenuation and the Attenuators: Strategies and Tactis. Em *Linha d'Água, n.26 (2)* (pp. 281-314). São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Brown, P., & Levinson, S. C. (1987). *Politeness: Some Universals in Language Usage*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Caffi, C. (1999). On mitigation. Em *Journal of Pragmatics 31* (pp. 881-909). Genoa: University of Genoa.
- Goffman, E. (1981). Footing. Em E. Goffman, *Forms of Talk* (pp. 124-159). Philadelphia, Pennsylvania: University of Pennsylvania Press.
- Joos, M. (1968). The Isolation of Styles. Em J. A. (ed.), *Readings in the Sociology Language* (pp. 185-192). Paris: Mouton Publishers.
- Kebrat-Orecchioni, C. (2006). *Análise da Conversação: Princípios e Métodos*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Pinto, A. G. (2016). A Retórica do Eu e do Outro – The Othering. A gramática da identidade no discurso polític. Em Z. G. Aquino, & P. R. Gonçalves, *Estudos do Discurso: Caminhos e Tendências* (pp. 25-53). São Paulo: Editora Paulistana.
- Roberts, J. (1992). Face-threatening acts and politeness theory: contrasting speeches from supervisory conferences. Em *Journal of Curriculum and Supervision, Vol 7, No 3* (pp. 287-301). Georgia: University of Georgia.